

## Influências norte-americanas no ensino de jornalismo no Brasil

Influencias norteamericanas en la enseñanza del periodismo en Brasil

American influences on journalism teaching in Brazil

Recebido em: 19/10/2020

Aceito em: 07/12/2020

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.410

### RESUMO

O presente texto é uma resenha do livro "Gênese do ensino de Jornalismo no Brasil" do professor de jornalismo Paulo da Rocha Dias (UFMT). Publicado pela editora Letras Contemporâneas, a obra analisa a história das primeiras iniciativas visando a profissionalização da categoria por meio de um curso superior e analisa as influências estrangeiras no currículo básico nacional, sobretudo as de origem estadunidense. Apesar de apontar para uma histórica dependência do pensamento norte-americano, o autor defende que não é tarde para o desenvolvimento de uma escola originalmente brasileira.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino de jornalismo. Jornalismo Brasileiro. Influências norte-americanas.

### RESUMEN

Este texto es una reseña del libro "Génesis de la enseñanza del periodismo en Brasil" del periodista y profesor de periodismo Paulo da Rocha Dias (UFMT). Editado por la editorial Letras Contemporâneas, el trabajo analiza la historia de las primeras iniciativas dirigidas a la profesionalización de la categoría a través de un curso de educación superior y analiza las influencias extranjeras en el currículo básico nacional, especialmente las de origen estadunidense. A pesar de señalar una dependencia histórica del pensamiento norteamericano, el autor sostiene que no es demasiado tarde para el desarrollo de una escuela originalmente brasileña.

### PALABRAS CLAVE

Periodismo. Enseñanza del periodismo. Periodismo brasileño. Influencias norteamericanas.

### ABSTRACT

This text is a review of the book "Genesis of teaching Journalism in Brazil" by journalism professor Paulo da Rocha Dias (UFMT). Published by Letras Contemporâneas, the work analyzes the history of the first initiatives aimed at the professionalization of the category through a higher education course and analyzes foreign influences in the basic national curriculum, especially those of American origin. Despite pointing to a historical dependence on North American thought, the author argues that it is not too late for the development of an originally Brazilian school.

### KEYWORDS

Journalism. Journalism teaching. Brazilian Journalism. American influences.



### Aparecido Carmo

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT.

[aparecido.jor@gmail.com](mailto:aparecido.jor@gmail.com)

### Cristóvão Almeida

Doutor em Comunicação e Informação e docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT.

[cristovaoalmeida@gmail.com](mailto:cristovaoalmeida@gmail.com)

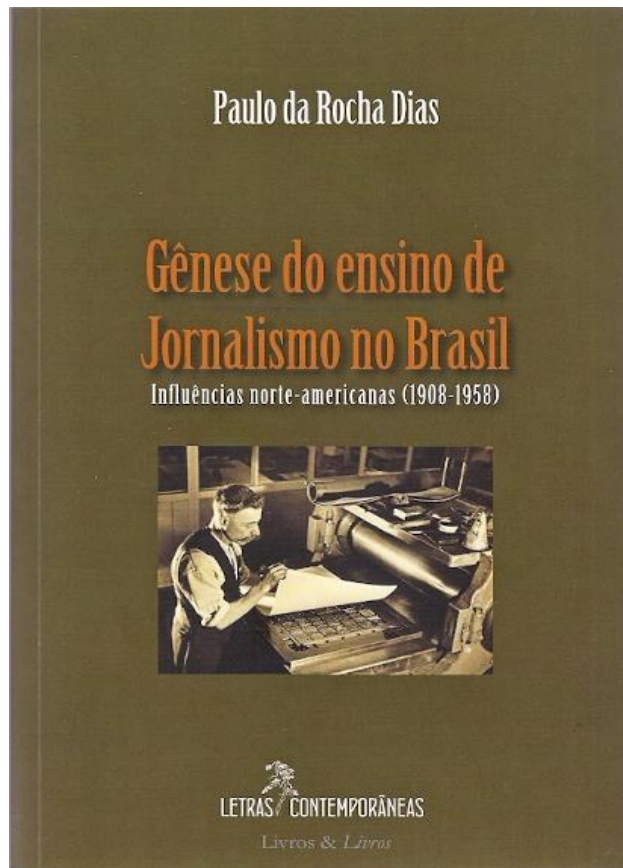
Abrangendo o período histórico que vai de 1908 até 1958, a obra analisada busca compreender a influência dos Estados Unidos na concepção dos primeiros cursos de jornalismo implantados no Brasil. Para isso, o autor dividiu seu material em três eixos: a formação dos primeiros profissionais que desempenharam as funções de jornalistas no país, as primeiras iniciativas pensando o ensino de jornalismo e, por fim, as iniciativas de ensinar jornalismo por correspondência.

Como afirma o autor, as questões ligadas ao ensino de jornalismo são palco para disputas ideológicas desde sempre. Especificamente a respeito das influências estrangeiras, há a tendência fortemente apoiada por parte da elite dos profissionais da categoria de que é o modelo norte-americano o melhor e mais moderno e que não adotá-lo seria permanecer no atraso.

Tanto é assim que de vez em quando, algum jornalista volta dos Estados Unidos disposto a reformar a imprensa tendo como base aquilo que viu nas redações do exterior. Além disso, existe um ranço antiacadêmico em parte das redações que parece ignorar que o jornalismo não poderá avançar se prática e teoria não estiverem alinhadas e caminhando juntas.

O curso sonhado por Gustavo de Lacerda, quando participa da fundação da Associação Brasileira de Imprensa em 1908, objetivava formar repórteres profissionais e não um curso universitário propriamente dito que refletisse sobre o fenômeno da comunicação de massa e suas influências na sociedade. Exatamente como fora exigido por Joseph Pulitzer para financiar a escola de jornalismo na Universidade de Columbia. Em seguida, quando a ABI desenvolve o que seria o plano ideal para um curso, em 1918, é nitidamente usado como exemplo o currículo oferecido pela Universidade do Missouri, rejeitado por Pulitzer justamente por oferecer ao estudante noções básicas da administração de um veículo. O assunto morre e só volta a discussão, mais uma vez por causa da ABI, em 1930 quando Herbert Moses, presidente da associação, se aproxima pessoal e institucionalmente de Walter Willians, fundador do curso de jornalismo na Universidade do Missouri que promete auxílio para o desenvolvimento do curso e intercâmbios entre profissionais dos dois países. Isso nunca saiu do papel.

Num esforço de encontrar respostas sobre o primeiro curso de jornalismo do país, na extinta Universidade do Distrito Federal, o livro "Gênese do ensino de jornalismo no Brasil" busca complementar o trabalho iniciado por Carlos de Andrade Rizzini e José Marques de Melo. Com base em pesquisa bibliográfica e em análise de



periódicos publicados naquele ano de 1938, Paulo da Rocha Dias consegue reconstituir os acontecimentos: após a instauração do Estado Novo, o jornalista e crítico literário Alceu de Amoroso Lima assume a reitoria da Universidade do Distrito Federal (UDF) e leva a cabo o projeto de colocar em funcionamento o Curso de Jornalismo na Faculdade de Política e Economia daquela instituição, no segundo semestre do mesmo ano. O primeiro professor deste primeiro curso foi o jornalista Pedro da Costa Rego Filho, confirmando as suposições de Marques de Melo (2012) que, embora acertadas, careciam de comprovação empírica.

Apesar de quase não ser mais lembrado no país, “como ocorre com tantos outros profissionais de imprensa”, Costa Rego Filho é considerado um dos proeminentes profissionais da imprensa nacional no século XX e o “Primeiro Catedrático Brasileiro de Jornalismo” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 346). Foi governador de Alagoas, deputado federal e senador, mas o jornalismo era o que “lhe estava na alma, no sangue, nas entranhas” (SAPUCAIA, 1989 *apud* MARQUES DE MELO, 2012, p. 352). Nos anos de 1940, quando o *Correio da Manhã* era o jornal mais importante do Rio de Janeiro, personalidades como Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos e Rodolfo Mota Lima estavam na equipe que ele liderava no comando do veículo. “Mandão, exigente e irritadiço, porém competente, o redator-chefe zelava pela ortografia da casa, expressão cunhada [...] pra definir o jeito de ser do jornal” (MORAES *apud* MARQUES DE MELO, 2012, p. 353).

Ter um curso que formasse profissionais não apenas para produzir notícias e periódicos, mas para pensar o jornalismo que produziam era uma necessidade da sociedade daquela época. O jornalismo praticado no Brasil já tinha atingido um nível industrial e não era mais possível que a profissão fosse vista como a “baía salvadora em que vem ancorar os naufragos de todas as profissões” (BILAC *apud* DIAS, 2018, p. 41). Especificamente sobre isso, declarou Alceu Amoroso Lima:

Estava já previsto na anterior organização da Universidade e achamos oportuno pôr em execução o plano no momento em que a classe se organiza. A profissão jornalística merece ter sua consagração universitária, elevando-se cada vez mais o seu nível de cultura com a sua crescente responsabilidade na vida do país. (LIMA *apud* DIAS, 2018, p. 63)

Mais tarde, a UDF seria incorporada à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Além desta iniciativa de uma instituição federal, o autor observou que entre 1932 e 1947, pelo menos oito iniciativas da sociedade civil tentaram fazer o mesmo, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, também elas influenciadas por iniciativas semelhantes desenvolvidas nos Estados Unidos. Um caso que merece registro foi o primeiro curso de jornalismo exclusivo para mulheres. É sabido que historicamente o jornalismo foi se configurando como um espaço de homens e isso somado às dificuldades inerentes a uma sociedade centrada no masculino como a brasileira dá uma dimensão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo da história de nossa imprensa.

Idealizado por Raquel Prado, jornalista desde os 14 anos, o Clube das Mulheres Jornalistas foi fundado no Rio de Janeiro em março de 1943. De perfil questionador, Raquel queria “despertar o interesse da mulher brasileira pelos problemas

que assolavam o país” (DIAS, 2018, p. 93) como a pobreza e a diferença salarial entre homens e mulheres. O curso de jornalismo propriamente dito foi fundado em 13 de maio de 1943, contava com 28 alunas entre “professoras, escritoras e senhoritas da melhor sociedade carioca” (JORNAL DO BRASIL *apud* DIAS, 2018, p. 93). Naquela altura a participação das mulheres nas redações já tinha avançado, sobretudo depois da Segunda Guerra, além disso o tema foi assunto do livro “*Women in journalism: a guide to the opportunities and a manual of the technique of women's work for newspapers and magazines*” da pesquisadora Genevieve Jackson Boughner. Sabe-se muito pouco a respeito da iniciativa de Raquel Prado e seria muito importante que outros pesquisadores se debruçassem sobre a vida e seu trabalho em defesa dos direitos das jornalistas brasileiras.

Mesmo os cursos por correspondência, alvo de muita polêmica em sua época, eram versões ou traduções de cursos norte-americanos. Nos casos analisados por Paulo da Rocha, ambos derivados do curso por correspondência da *La Salle University*, instituição confessional norte-americana. O curso de Vitorino Prata Castelo Branco era minimamente adaptado; o do Instituto Técnico-Profissional uma tradução aparentemente amadora.

Muitos pesquisadores já se debruçaram sobre o tema da influência americana na imprensa brasileira, mas o trabalho de Paulo da Rocha se destaca por focar nas questões relacionadas à influência do vizinho do norte no ensino de jornalismo. Na apresentação do livro, a professora de jornalismo da UFMT, Marluce Scaloppe, resalta que esta é a influência fundamental, uma vez que é na graduação que são estabelecidas as bases profissionais que serão desenvolvidas ao longo das trajetórias de casa aluno. E refletirá nos trabalhos e pesquisas que serão realizados no futuro, no caso daqueles que optarem pela carreira acadêmica.

Ao fim da leitura, o leitor terá diante de si uma variedade de elementos que demonstram que, sim, nosso formato de ensino de jornalismo é profundamente baseado num modelo importado dos Estados Unidos e vem sendo assim há muitas décadas. Também não é possível deixar de citar os esforços de instituições norte-americanas que distribuem bolsas de estudos e financiam pesquisas como fizeram a *Inter American Press Association* e o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Como ainda faz o Departamento de Estado do governo dos EUA.

A postura crítica do autor, que não se importa em expor as feridas da realidade do campo, não deve ser compreendida como uma visão pessimista. Ele mesmo assume que não é tarde para mudar a realidade de dependência do pensamento estrangeiro. Cultura bem enraizada, ele diz, não morre facilmente. E o trabalho está apenas começando.

## REFERÊNCIAS

DIAS, Paulo da Rocha. **Gênese do ensino de jornalismo no Brasil:** influências norte-americanas (1908-1958). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2018.

MARQUES DE MELO, José. **História de Jornalismo:** itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.